REFUGIADOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE AS NARRATIVIDADES DO DISCURSO JORNALÍSTICO NA INTERNET

REFUGEES IN BRAZIL: AN ANALYSIS ABOUT NARRATIVITIES OF JOURNALISTIC DISCOURSE ON THE INTERNET

Vanda Késsia Gomes Galvão*
Washington Silva de Farias**

Resumo: Considerando que o refúgio é um forte tema em debate na sociedade brasileira, através da Análise do Discurso francesa, analisamos como é construída a representação do sujeito refugiado em narratividades do discurso jornalístico online da mídia tradicional e da alternativa. Utilizamos um *corpus* com publicações de quatro sites, referentes em especial ao ano de 2017, quando a Lei de Migração entrou em vigor, e também alguns *posts* de outros anos que se relacionam ao período de discussão deste dispositivo legal no Congresso Nacional. Durante a análise, são mobilizados os conceitos de *formação discursiva, posição-sujeito, interdiscurso e narratividade.* Os resultados do trabalho sugerem que portais identificados com a *posição-sujeito* da mídia tradicional abordam a pauta dos refugiados pela ótica do mercado de trabalho e da economia. Já portais que se inserem na *posição-sujeito* da mídia alternativa consideram o refúgio identificando-se à pauta dos direitos humanos, problematizando aspectos silenciados na mídia tradicional.
Palavras-chave: Refugiados. Discurso jornalístico. Posição-Sujeito. Narratividade.

Abstract: Considering that the refuge is a strong topic in debate in Brazilian society, through the French Discourse Analysis, we analyze how the representation of the refugee subject is constructed in narrativities of the online journalistic discourse of the traditional media and the alternative. We used a corpus with publications from four sites, referring in particular to the year 2017, when the Migration Law came into force, as well as some posts from other years that relate to the period of discussion of this legal device in the National Congress. During the analysis, the concepts of *discursive formation, position-subject, interdiscourse* and *narrativity* are mobilized. The results of the work suggest that portals identified with the subject-position of the traditional media approach the refugee agenda from the perspective of the labor market and economy. On the other hand, portals that include themselves in the subject-position of the alternative media consider refuge identifying itself to the human rights agenda, problematizing aspects silenced in the traditional media.
Key words: Refugees. Journalistic discourse. Subject-Position. Narrativity.

Introdução

No presente artigo, a partir da teoria da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, buscamos entender como a mídia brasileira constrói sua narratividade sobre a temática dos refugiados, seja nos veículos identificados com a posição-sujeito da imprensa tradicional ou da alternativa, inclinadas, respectivamente, às ideologias políticas de direita e de esquerda[1]. Queremos compreender como é construída a representação do sujeito

* Mestranda em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É graduada em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente é assessora de imprensa da Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANAJURE), onde também coordena a equipe de comunicação, edita do site www.anajure.org.br e revisa os livros da editora ANAJURE Publicações. wandakessia@hotmail.com

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE-UFCG). Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: washfarias@gmail.com.

[1] Entendemos as filiações ideológicas de direita e esquerda como posições históricas e políticas complexas e antagônicas, com uma oposição contínua, embora seus conteúdos políticos possam mudar conforme a história

refugiado através da narratividade do discurso jornalístico brasileiro e como a nova Lei de Migração foi repercutida nos portais escolhidos para análise.

Para tanto, analisamos sequências discursivas verbais e não-verbais de quatro portais notícias *online*, escolhidos por sua representatividade em termos de quantidade de acessos nas mídias sociais: G1/O Globo, Estadão, Carta Capital e Catraca Livre. As publicações selecionadas foram veiculadas entre o final de 2012 e início de 2018, período em que aumentou consideravelmente a presença de refugiados no território nacional brasileiro. Daremos especial atenção ao ano de 2017, quando passou a vigorar a nova Lei de Migração.

Usando os conceitos de *formação discursiva, interdiscurso, posição-sujeito* e *narratividade*, iremos analisar nosso *corpus* partindo da hipótese de que há constantes deslizamentos de sentidos na mídia brasileira ao falar sobre refugiados. Conforme as tendências ideológicas dos portais, veículos mais tradicionais tendem a produzir efeitos de sentido negativos sobre a entrada de estrangeiros no Brasil, numa direção de significações que ecoa a dicotomia entre o brasileiro e o estrangeiro[2], no sentido de que o imigrante ou o refugiado tiraria o emprego dos nacionais, por exemplo. Enquanto a chamada mídia alternativa, por ser ideologicamente identificada com pautas sociais, faz uma cobertura do ponto de vista do refugiado, apresentando problematizações que consideram menos a economia e mais os direitos humanos.

2 Refugiados: nômades entre estatísticas e definições

Após as sequelas da Segunda Guerra Mundial, em 1948 a Organização das Nações Unidas (ONU) criou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, sendo este o primeiro documento internacional a pensar a questão do refúgio. Em 1950, foi criado o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), como organização social apolítica, que se tornou uma das principais agências humanitárias do mundo, presente em 126 países, inclusive no Brasil.

Ao longo da história situada no pós-Segunda Guerra Mundial, três importantes documentos internacionais que trataram sobre os refugiados foram: a Convenção das Nações Unidas sobre Estatuto dos Refugiados, de 1951; o Protocolo de 1967, relativo ao Estatuto dos Refugiados; e a Declaração de Cartagena de 1984. Com a vigência desses acordos internacionais, o sujeito refugiado passou a ter direito à proteção internacional. De modo geral, a partir de então, a condição de refugiamento é direcionada para o indivíduo que tenha sido obrigado a abandonar sua pátria por razões de perseguição racial, religiosa, política ou por outras formas graves de violação aos direitos humanos.

(BOBBIO, 1995, p.91). O autor explica que os ideais sobre igualdade, liberdade e paz são os pontos que diferem a esquerdada direita. A filiação de direita tem um foco mais conservador ou liberal e subordinado à lógica capitalista e à centralidade do mercado. A filiação de esquerda se caracteriza por sua ênfase nas questões sociais em detrimento das mercadológicas, sendo mais sensível ao tema da igualdade e da justiça.

[2] PAYER (2015) observou esse mesmo fenômeno quando analisava imagens da imigração no contexto italiano, referente à simplificação dos sentidos que estabelecem a dicotomia entre o nacional e o estrangeiro.

Em 2017, o ACNUR estima que 68,5 milhões de pessoas se deslocaram forçadamente de seus países, e destes 25,4 milhões são refugiados[3]. O órgão afirma que há atualmente no Brasil 86 mil pedidos de refúgio[4] em andamento aguardando aprovação.

Sobre a crise migratória atual, Bauman (2017, p. 9) lembra que a migração em massa não é algo recente e que o mundo enfrenta as consequências da "aparentemente insolúvel desestabilização do Oriente Médio", cujos dramas, na opinião do filósofo, estão na mira das intervenções políticas ocidentais míopes e fracassadas. Albuquerque Júnior (2016, p. 25), ao falar sobre a condição do refugiado, destaca: "o que vemos é uma oscilação nas políticas dirigidas para esses corpos, políticas que oscilam entre o fazer viver e o deixar morrer". O autor explica que o corpo do estrangeiro refugiado, ao viver vagando, encontra um tipo de Estado de Exceção, que muitas vezes submete este refugiado a uma situação de sub-humanidade, o tornando vulnerável para usos e abusos.

Bauman (2017) reforça que há pouco de inédito com relação às respostas sociais e políticas para a atual crise migratória, o que piora ainda mais quando a sociedade internacional concentra-se nas vítimas da tragédia dos refugiados pela ótica da segurança nacional e não nas raízes globais deste problema, como desigualdades sociais, intolerância religiosa, interferências políticas ocidentais inadequadas no Oriente Médio, etc. Bauman entende que o drama dos refugiados somou-se ao desejo genuinamente humano de milhares de migrantes econômicos[5] que buscam melhores condições de vida e que só a solidariedade pode salvar a humanidade neste momento de tensão.

No Brasil, o documento que regia a migração até 2017 era o Estatuto do Estrangeiro (Lei n. 6.815, de 19 de agosto de 1980), que via o estrangeiro como potencial ameaça política e foi elaborado sob o espírito da "segurança nacional" vigente na Ditadura Militar. Lembramos que na década de 80 ainda vigorava a Lei de Segurança Nacional No 6.620, de 17 de dezembro de 1978[6], em cujas disposições do artigo 3° constava a prevenção interna de guerras psicológicas e revolucionárias, no sentido de que tais guerras eram inspiradas em ideologias e auxiliadas do exterior. Era claramente um contexto político de tensão internacional, cujo governo militar olhava o estrangeiro com extrema desconfiança.

Apenas no ano de 1997 é que os refugiados tiveram no Brasil uma legislação específica com seus direitos e deveres, por meio do Estatuto do Refugiado (Lei n. 9.474, de 22 de julho de 1997), que incorporava a Convenção sobre o Estatuto do Refugiado de 1951 ao Direito brasileiro, na ocasião em que foi estabelecido o Comitê Nacional para os Refugiados, órgão ligado ao Ministério da Justiça. A partir de então, os refugiados não poderiam ser punidos por entrada irregular nem devolvidos ao país de origem, como ocorria na lei anterior.

Vigorando a partir de 2017, a nova Lei de Migração fomentou no Brasil a discussão sobre processos migratórios. O dispositivo ampliou os direitos para refugiados no que tange

[3] ACNUR, **Tendencias Globales 2017.** Jun. 2018. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/unhcrsharedmedia/2018/Global_Trends_Forced_Displacement_in_2017/TendenciasGlobales_2017_web.pdf>. Acesso em 22 de junho de 2018.

[4] ACNUR. **Refúgio em números.** 3ª edição. Abr. 2018. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf>, Acesso em 13 de maio de 2018.

[5] O migrante é aquele que se desloca por razões econômicas. O refugiado o faz por uma questão sobrevivência.

[6] BRASIL. (17 de Dezembro de 1978). Lei de Segurança Nacional. Disponível em:< https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6620.htm>. Acesso em 16 de Julho de 2018.

ao visto humanitário, é direcionado para migrantes, imigrantes e apátridas, e rompe com a ótica que priorizava a segurança nacional, harmonizando-se aos instrumentos jurídicos internacionais e aos direitos humanos. Constituindo-se um importante acontecimento histórico em nosso país, a lei mobilizou diferentes discursos na mídia *online*, que serão parte de nosso objeto de análise.

3 Mídia e discurso: a voz da mídia e os processos discursivos em jogo na pauta dos refugiados

Condicionados às suas filiações ideológicas, diferentes sujeitos podem se identificar, contraidentificar ou desidentificar com o lugar simbólico de constituição de determinada enunciação, chamado por Michel Pêcheux *formação discursiva (FD):* "aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito"*. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Neste sentido, trabalharemos com a FD jornalística, entendendo que esta comporta diferentes posições-sujeito. Considerando que, para a AD pechetiana, as palavras e expressões receberão seus significados de acordo com a FD em que se inscrevem, inferimos que da *posição-sujeito* dominante numa FD jornalística politicamente tradicional, a imigração pode ser vista sob a ótica das pautas econômicas, enquanto da *posição-sujeito* de uma FD jornalística da chamada mídia alternativa, a mesma questão pode ser vista de outra maneira, priorizando os saberes dos direitos humanos.

As FDs, cujas fronteiras são instáveis, também marcam o traço da memória presente nos discursos, mobilizando sentidos já enunciados, referentes ao que chamamos de *interdiscurso,* o dito do outro/Outro, pronunciado em outro lugar de forma independente, que sustenta a possibilidade de todo dizer, conforme aponta Pêcheux (1995, p. 162):

> Diremos, nessas condições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular na transparência do sentido que nela se forma a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal que "algo fala" (ça parle) sempre "antes, em outro lugar e independentemente", isto é, sob o complexo das formações ideológicas.

Os sentidos então não residem apenas nas palavras, mas na sua relação com determinadas condições de produção sócio-históricas e ideológicas, "envolvendo o sujeito, a situação e sua memória (interdiscurso)" (ORLANDI, 2005a, p.30). A memória discursiva é carregada de efeitos de sentido que afetarão o modo como o sujeito se constitui e significa em determinada situação discursiva.

Há diferentes modos de enunciar possíveis no interdiscurso, que remetem a diferentes funcionamentos da memória discursiva. Por exemplo, na mídia, a FD jornalística não permite que seja dito diretamente que o refugiado não é bem-vindo no Brasil, mas é possível a utilização de uma narratividade que coloca no mesmo espaço de significação as estatísticas de refúgio e de desemprego no país, de forma que as duas pautas sejam relacionadas, suscitando efeitos de rejeição aos refugiados, vinculando a memória da imigração à concorrência no mercado de trabalho.

CC BY

Como formulado por Orlandi (2017, p. 30), o conceito de *narratividade* é definido como "a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados". Assim, o discurso midiático produz sentidos a partir de determinadas narratividades sobre os refugiados, acionando diferentes memórias e significados, posicionando estes sujeitos em espaços determinados de interpretação que podem favorecer ou bloquear a recepção dos refugiados no Brasil.

Fake News[7] ou não, é fato que algumas formas das narratividades jornalísticas podem contribuir para a disseminação de preconceito contra muçulmanos e outros grupos religiosos ou políticos, misturando e distorcendo sentidos dos termos "imigrantes", "refugiados" e "terroristas", por exemplo. Para Orlandi (2017, p. 94): "o preconceito é uma discursividade, que circula sem sustentação em condições reais, mantida por um imaginário atravessado por um dizer que silencia sentidos". Este preconceito, segundo a autora, é existente na relação com o outro e estruturante da *forma-sujeito* histórica do capitalismo. Sendo o preconceito firmado em sentidos que circulam numa base irreal, as *fake news* são instrumentos que alimentam esse imaginário social distorcido sobre a condição do refúgio.

Nesse contexto podemos indagar: em que medida a mídia jornalística se configura como um instrumento social que coopera com o preconceito e o desconhecimento sobre a pauta dos refugiados ou favorece uma representação complexa da situação desses sujeitos sintonizada com a agenda dos direitos humanos? Para responder, ainda que parcialmente, a essa indagação, organizamos um *corpus* de arquivo (COURTINE, 2014) composto de sete matérias, das quais escolhemos as sequências discursiva (SD) para análise a partir de quatro portais: G1/O Globo e ESTADÃO, representando a posição-sujeito da mídia tradicional, e CARTA CAPITAL e CATRACA LIVRE, representando a posição-sujeito da mídia alternativa.

Por SD, entendemos o recorte textual feito a partir de um campo discursivo, neste caso, o midiático. Courtine (2014, p. 55) define que as SDs são: *"sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase",* cuja escolha dependerá dos objetivos de análise. Indursky (2015, p. 289) argumenta ainda que aquilo que vale para o texto verbal numa análise discursiva vale também para a *materialidade significante imagética* (não-verbal). Portanto, analisaremos *SDs* de *posts* situados nos anos 2012 e 2018, comportando materialidades verbais e não-verbais.

4 "Bem-Vindos! Mas..." - Posição-sujeito da mídia tradicional

SD01: Publicação do G1

[7] O dicionário de Cambridge aponta que *Fake News* são histórias falsas que parecem ser notícias e se espalham na mídia, geralmente para influenciar pontos de vista políticos ou ser usada como piada. CAMBRIGDE, Dictionary. **Fake News**. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/fake-news. Acesso em 13 jul.2018.



Fonte: G1, **Refugiado sírio abre barbearia no DF e oferece corte de cabelo 'degradê' com machado**; vídeo. 18 dez. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/refugiado-sirio-abre-barbearia-no-df-e-oferece-corte-de-cabelo-degrade-com-machado-video.ghtml>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

A SD1 corresponde ao título e à foto de destaque em uma matéria veiculada no dia 18 de dezembro de 2017 no **G1**, portal de notícias da Rede Globo, que é uma das emissoras mais influentes do Brasil, voltada ao mercado[8] e identificada com a mídia tradicional. As formulações da SD1 dizem respeito a uma notícia sobre a barbearia de um refugiado sírio no Distrito Federal. Nela, o sentido do título é reiterado pela foto do *post*, na qual aparece um refugiado sírio com o machado apontado para a cabeça de seu cliente.

O título da matéria foi elaborado com o recurso das aspas simples na palavra *degradê,* cujo significado imediato procede do francês *degradé* (atenuação progressiva de uma cor), em referência ao aspecto 3D desse tipo de corte, num estilo bastante usado atualmente pelo público masculino. O uso das aspas em um texto serve para destacar uma palavra em seu contexto, devido à sua importância, mas também pode ser entendido como ironia e como vestígio de heterogeneidade de posições e sentidos.

Desta forma, numa ambiguidade que é constitutiva da língua, a narratividade do G1 por meio das aspas se coloca numa posição-sujeito cujo espaço de interpretação para '*degradê*' carrega a memória discursiva de um sentido diferente do imediato, estando ligado ao não-dito de um discurso xenófobo[9], pois possibilita um deslize no sentido

[8] BOURDIEU (1997, p. 58) observa que a concorrência nos meios de comunicação é pensada a partir da posição do órgão de imprensa, considerado nas relações de força econômicas e simbólicas. Logo, inferimos que veículos com maior poder econômico, como a Rede Globo, tendem a reproduzir o discurso da classe dominante e seus patrocinadores. Já a mídia alternativa não está presa aos discursos do mercado, uma vez que trabalha produzindo efeitos de sentido que se voltam para os interesses das classes dominadas e emergentes.

[9] Xenofobia é a atitude hostil, o repúdio ou ódio ao estrangeiro.

profissional do corte de cabelo para o sentido voltado a um "humor" ou "satirização" no risco do corte, por vir de um refugiado.

No fragmento em análise, as palavras *corte, degradê* e *machado* estão vinculadas ao trabalho inovador do *refugiado sírio* Ammar Kalsh, o que é evidente pela característica não usual de sua ferramenta de trabalho na barbearia: o machado. Exatamente por ser inovadora ou inusitada é que a ferramenta chamou a atenção do G1. Mas existem na SD01 sentidos outros, de um dito em outro lugar, próprio do funcionamento interdiscursivo, conforme veremos na SD02.

SD02: Matéria do Jornal Nacional replicada no site do G1



Fonte:G1, **Itália quer enviar tropas para combater o Estado Islâmico na Líbia**. 17 fev. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/02/italia-quer-enviar-tropas-para-combater-o-estado-islamico-na-libia.html>. Acesso em 25 de janeiro de 2018.

O refugiado da SD01 pode ser tomado pela representação de terrorista por causa da memória discursiva da SD02, que foi uma imagem que circulou em toda a mídia internacional, com 21 cristãos etíopes na Líbia sendo decapitados pelo autodenominado Estado Islâmico no ano de 2015. A narratividade do G1 dá margem ao eco do *sempre já lá* do *interdiscurso* amplamente repetido na sociedade ocidental de que "todo islâmico é terrorista", fazendo assim a associação da imagem do refugiado sírio com terroristas. Logo, a presença de um refugiado sírio trabalhando com um machado reativa esta memória negativa sobre muçulmanos.

O espaço de significação que desloca o uso do machado para um ambiente incomum, somado ao recurso das aspas em *degradê* no tipo de corte da barbearia em questão, se constitui como o vestígio de uma narratividade que apaga a seriedade do tema ao promover um traço de humor na trágica representação do refugiado como terrorista, que simplifica o debate político sobre o refúgio.

SD03: Matéria do portal O Globo



Senado aprova polêmica Lei de Migração, com apoio da base e da oposição

Medida anistia irregulares que não praticaram crimes e entraram no Brasil até 6 de julho de 2016

POR MARIA LIMA

BRASÍLIA - Partidos da oposição e da base se uniram para aprovar nesta terça-feira, no plenário do Senado, a polêmica Lei de Migração, de autoria de Aloysio Nunes Ferreira (PSDB), hoje ministro das Relações Exteriores. Apesar da oposição acirrada do líder do Democratas, Ronaldo Caiado (GO), que alertou para o risco da abertura das fronteiras e para entrada de narcotraficantes e terroristas, o substitutivo do senador Tasso Jereissatti (PSDB-CE), relator do projeto, foi aprovado por ampla maioria e vai agora à sanção presidencial. Pela nova lei, estrangeiros que entraram no Brasil de forma irregular até 6 de julho de 2016 terão anistia. Se não tiverem cometido crimes graves - terrorismo ou tráfico por exemplo - e atenderem a requisitos estabelecidos pela lei, poderão ser documentados e ter a Carteira de Identificação de Migrante, com visto de residência para trabalhar e morar no país. Segundo Tasso, a lei reduzirá o risco de serem explorados por coiotes.

Fonte: OGLOBO, **Senado aprova polêmica Lei de Migração, com apoio da base e da oposição**. 18 abr. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/senado-aprova-polemica-lei-de-migracao-com-apoio-da-base-da-oposicao-21226259>. Acesso em 25 de janeiro de 2018.

A SD03 é composta de título, subtítulo, foto de destaque e *lead* de uma publicação do portal *O GLOBO,* da mesma central de jornalismo do G1, publicada no dia 18 de abril de 2017, tratando sobre a aprovação no Senado Federal da Lei nº 13.445, que trata sobre a migração no Brasil.

No título da SD02, o adjetivo *polêmica* dado pelo portal à nova Lei de Migração representa um vestígio de heterogeneidade de sentidos, por caracterizar um efeito de restrição do veículo para a lei em questão. É heterogêneo porque O Globo denomina a lei como polêmica, mas informa em seguida que a aprovação teve apoio da base e da oposição, o que também produz o sentido de acordo ou consenso. Todavia, o sentido de restrição para a lei é reforçado junto à foto com expressão facial de tensão do Senador Tasso Jereissatti, numa narratividade que aciona um efeito de rejeição à lei por parte do leitor.

O subtítulo da matéria apresentada na SD03 informa que a lei de migração isenta de punição o imigrante em situação irregular que não tenha praticado crime. Assim, o portal prioriza a informação de que a lei perdoará o ilegal como forma de amparar o sentido da "polêmica" trazido no título. Esse destaque dado pelo O Globo inscreve seu leitor no espaço de interpretação que vinculará a *polêmica* aos sentidos de permissividade quanto à

legalização da situação do imigrante, contribuindo para um efeito de pânico moral[10], como tratado por Bauman.

Já no lead da postagem, é exposto pelo O Globo a visão do deputado que fez oposição à aprovação da lei no Senado, usando o argumento do *risco de abertura das fronteiras para a entrada de narcotraficantes e terroristas*. A narratividade da Rede Globo destaca a posição oposta à lei. As palavras *risco*, *narcotraficantes* e *terroristas* nas primeiras linhas da matéria produzem efeitos de sentido que reforçam a representação do imigrante como alguém potencialmente perigoso.

SD04: Publicação do Estadão



Refugiados enfrentam crise e barreiras culturais para sobreviver no Brasil

Sírios e africanos chegam ao País com o desafio de se reestruturar em meio à crise e a 14 milhões de desempregados

Ana Carolina Neira, O Estado de S.Paulo
11 Junho 2017 | 05h00

Viver no Brasil não era um sonho, nem mesmo um plano, mas tornou-se a única opção viável para milhares de refugiados nos últimos anos. Mas desde 2014, além dos entraves bucrocráticos e culturais, eles encontram um novo desafio: empreender em um País em crise, que já conta com 14 milhões de desempregados.

SIGA O ESTADÃO

PUBLICIDADE

O SEU LUGAR PARA GUARDA

Fonte: ESTADÃO, **Refugiados enfrentam crise e barreiras culturais para sobreviver no Brasil**. 11 jun. 2017. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,refugiados-enfrentam-crise-e-barreiras-culturais-para-sobreviver-no-brasil,70001833862>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

A SD04 é composta de recortes de uma matéria do site do Estadão, veículo pertencente ao Grupo Estado, dono de um conglomerado de comunicação, que, além de outras mídias, engloba o tradicional jornal impresso O Estado de São Paulo e a Rádio Estadão. Nosso recorte de análise foi publicado na seção de Economia & Negócios no dia 11 de junho de 2017. A SD compreende título, subtítulo, lead e hiperlinks usados para abrir reportagens correlatas.

No título, o Estadão destaca dois pontos: crise e barreiras culturais. O postal destaca o fato de que *Refugiados -enfrentam crise- e -barreiras culturais- para sobreviver no Brasil* e no subtítulo traz a informação de que existem no país *14 milhões de desempregados,* cujos detalhes do desemprego estão na matéria disponibilizada em link na última frase do lead.

Desta forma, título e subtítulo da matéria, juntos, dão vestígios de um efeito de sentido contraditório, visto que o sujeito refugiado é representado ao mesmo tempo nas posições de vítima e de ameaça, acionando narratividades antagônicas. Assim, por um lado,

[10] Bauman (2017, p.8) discute sobre o impacto do jornalismo no "pânico moral", apontado como "sentimento de medo compartilhado por grande número de pessoas de que algum mal está ameaçando o bem-estar da sociedade".

o refugiado é colocado no lugar de vítima pela *crise* econômica que afeta o Brasil e causa o desemprego nacional, e também pelas *barreiras culturais* da nacionalidade dele e do novo país que o recebe; por outro lado, o sujeito refugiado é colocado no lugar de ameaça social, pois representaria uma sobrecarga no mercado de trabalho *que já deixou 14 milhões de desempregados*.

No lead da SD04, a posição-sujeito do Estadão realça a narratividade da crise econômica, silenciando a das barreiras culturais mencionadas no título da postagem. A narratividade da crise do desemprego é amparada também no que Payer (2015, p. 47) mostra como efeitos de determinação *versus* indeterminação nos discursos sobre a imigração, enquanto regularidade enunciativa que demarca a posição dos agentes das práticas institucionais e dos agentes que recebem o suporte humanitário. É possível ver esta indeterminação, na SD04, no recurso numérico impreciso para a referência aos refugiados (*milhares de refugiados*), que teriam o Brasil como *única opção viável*. O sentido de *viável* segue então sendo afetado diretamente pelo dado específico dos *14 milhões de desempregados,* recurso que contribui para o efeito de sentido que coloca o Brasil numa posição de rota *inviável* para receber refugiados.

Quando o Estadão afirma que *viver no Brasil não era um sonho, nem mesmo um plano*, generaliza o fato de que entre *milhares* de refugiados *ninguém* teria o Brasil como alternativa ou ideal de nação. Essa narratividade permite pelo menos dois efeitos de sentido neste fragmento: 1- Se não houvesse guerra em seus países de origem, o Brasil nunca seria opção para esses *milhares* de refugiados viverem, 2- Diante da guerra, nenhum deles pensou no Brasil, a não ser como *última* opção, deslizando o sentido de *única* opção. A imagem negativa do Brasil no exterior é o não-dito deste fragmento, num discurso transverso de que o Brasil é um lugar ruim.

As condições de produção da SD04 também mostram que o período da veiculação desse *post* situa-se na época em que, após longo debate, a nova Lei de Migração foi sancionada, com vetos, pelo então Presidente ilegítimo do Brasil, Michel Temer, que assumiu o poder por meio de um processo questionável do ponto de vista jurídico e que causou desconfiança nas relações internacionais brasileiras[11]. Assim, fica reforçada a interpretação de que o Brasil, estando numa situação política instável, seria mesmo a *última* opção para refugiados e um lugar ruim para o estrangeiro viver.

Ainda demarcando sua filiação ideológica tradicional, o Estadão dá eco à sua voz numa *posição-sujeito* identificada com a defesa do mercado de trabalho em detrimento dos refugiados, de forma desfavorável a estes na representação de que sejam uma ameaça social diante do desemprego. Tal posição fica reforçada nos links de LEIA TAMBÉM, colocados ao longo da publicação, discorrendo sobre o desemprego no Brasil e sobre brasileiros que procuram onde trabalhar:

SD05: Recurso de "leia também" do Estadão

[11] Em matéria sobre a reunião do G-20 publicada no Estadão, no mesmo período, se afirma que Temer foi aconselhado a não faltar ao encontro porque este era um momento que o Brasil precisava dessa reunião para uma retomada de confiança. Fonte: ESTADÃO, <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,temer-vai-ao-g-20-mas-nao-aparece-no-programa-da-reuniao-de-lideres,70001879536>. Acessado em 07 de julho de 2018.



Fonte: ESTADÃO, **Refugiados enfrentam crise e barreiras culturais para sobreviver no Brasil**. 11 jun. 2017. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,refugiados-enfrentam-crise-e-barreiras-culturais-para-sobreviver-no-brasil,70001833862>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

A narratividade do discurso jornalístico do Estadão na SD04, reforçado na SD05, tem o efeito de sentido de que o Brasil não é uma opção tão viável para os refugiados do ponto de vista econômico e empresarial, tendo em vista o desemprego atual no país. O portal silencia a narratividade das barreiras culturais, que não são devidamente tratadas como sugeria o título da SD04. No lugar disso, o Estadão apresenta casos de sucesso do empreendedorismo dos refugiados sem mencionar, por exemplo, os inúmeros casos de fracasso ou entraves de integração desses sujeitos. A posição-sujeito do Estadão filia-se, assim, à FD que denominamos da mídia tradicional, priorizando uma forma de representação dos refugiados subordinada às pautas econômicas, em que estes são mostrados como empreendedores e pretensos concorrentes no mercado de trabalho brasileiro.

5 “Bem-Vindos!!!” - Posição-sujeito da mídia alternativa

SD06: Postagem da Carta Capital



Fonte: CARTA CAPITAL, **"Sai do meu país!": agressão a refugiado expõe a xenofobia no Brasil.** 04 ago. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/saia-do-meu-pais-agressao-a-refugiado-no-rio-expoe-a-xenofobia-no-brasil>. Acesso em 20 de janeiro de 2018.

A SD06 é composta de título e legenda da foto de destaque de uma reportagem veiculada na Carta Capital em agosto de 2017, sobre o caso de agressão a um refugiado ocorrido no Rio de Janeiro, tratado como acontecimento que reflete e representa a xenofobia no Brasil. A Carta pertence à editora Confiança, criada em 1994, e na produção de conteúdo digital trabalha com editorias de política, economia, cultura, sociedade, esporte, entre outras, sendo uma das principais vozes do jornalismo ligado à esquerda política.

No fragmento do título da SD06, a narratividade da Carta denomina o caso como xenofóbico e faz um deslizamento de sentido de *Rio de Janeiro* para *Brasil,* como uma generalização, ampliando a leitura do fato para denunciar rejeição aos refugiados em todo o país. A narratividade da xenofobia articulada pelo veículo faz da matéria mais do que uma

mera descrição ou relato de uma situação individual, pois marca uma problematização da condição do refugiado no Brasil.

A legenda da foto-destaque da SD06 reproduz a fala do agressor, evidenciando assim a violência sofrida pelo refugiado e os elementos da narratividade xenófoba, que coloca os refugiados ou imigrantes numa posição de não-pertencimento à nacionalidade brasileira, pois estes são vistos como invasores e ameaça social. Os vestígios dessa narratividade se fazem presentes nas falas do agressor que usa um discurso de posse sobre o Brasil, referido como *nosso* e *invadido,* ao passo que o refugiado é representado pela imagem do terrorista, conforme se pode conferir na formulação *homem bomba que mata crianças.* Ao denominar uma das partes envolvidas no incidente como "agressor", a Carta marca sua posição favorável ao refugiado, colocando-o na posição de vítima de xenofobia.

A narratividade de denúncia da Carta Capital evidencia os estereótipos do imaginário xenófobo dos refugiados como terroristas. Por isso o veículo cria um espaço de interpretação que humaniza a discussão sobre o processo de integração de refugiados, ativando a narratividade da tolerância e da solidariedade, sinalizada também na matéria pela referência às mensagens de *apoio e tolerância* recebidas pelo refugiado sírio. Desse modo, o portal mostra que o Brasil como um lugar contraditório para o refugiado: ao mesmo tempo acolhedor e xenófobo.

SD07: Matéria do site Catraca Livre



Orquestra formada por refugiados fará show gratuito no Sesc

por Redação 14/06/2017 10:43 | Atualizado: 14/06/2017 13:23

Idealizado pelo artista Carlinhos Antunes e a assistente social Cleo Miranda, e tendo como protagonistas pessoas que – por escolha ou necessidade – hoje têm a cidade de São Paulo como sua casa, o projeto Refugi tem o objetivo de contribuir para a diminuição das barreiras do preconceito e gerar conhecimento, além de promover trocas de experiência e inserção social.

O Sesc São Paulo desenvolve o projeto de junho a agosto de 2017, com oficinas, apresentações musicais e bate-papos destinados a refugiados e imigrantes. O lançamento acontece no dia 15 de junho, quinta-feira, às 18h, no Teatro Anchieta, do Sesc Consolação, com uma apresentação da Orquestra Mundana, formada por pessoas em situação de refúgio. O grupo mistura a música brasileira com a música dos cinco continentes.

Fonte: CATRACA LIVRE, **Orquestra formada por refugiados fará show gratuito no Sesc**. 14 jul. 2017. Disponível em: < https://catraquinha.catracalivre.com.br/sp/agenda/gratis/orquestra-formada-por-refugiados-fara-show-gratuito-no-sesc/ >. Acesso em 16 de julho de 2018.

Nossa SD07 é o título de uma matéria publicada no site Catraca Livre, sobre um show no SESC realizado por músicos refugiados. Mais voltado para demandas culturais, com o slogan "Comunicar para empoderar", o Catraca livre nasceu em São Paulo em 2008 e tem quase 9 milhões de seguidores no facebook, atuando na produção de conteúdo sobre saúde, esporte, educação, empreendedorismo, mobilidade urbana, consumo, etc. Identificamos o portal como filiado à posição-sujeito da mídia alternativa ligada à esquerda por seus constantes posts que trabalham pautas sobre minorias sociais.

Nesse sentido, a SD07 adota uma narratividade que difere da representação do refugiado como ameaça, e dá destaque às contribuições culturais que os refugiados trazem ao país, mobilizando a narratividade da integração e colaboração cultural, segundo a qual a presença dos refugiados no país promove o enriquecimento e a universalidade cultural.

O título da matéria da SD07 informa que uma orquestra com músicos *refugiados* realizará um show *gratuito*. Esses elementos remetam a uma narratividade que constrói para o refugiado uma representação menos estereotipada, já que, segundo o site, o refugiado é mostrado como sujeito generoso ao dar algo que possui sem interesses econômicos, quando geralmente a voz midiática tradicional apresenta os refugiados recebendo ou pretendendo usurpar algo que não tem e que não lhes pertenceria, como os empregos dos sujeitos nacionais, por exemplo.

SD08: Matéria do Catraca Livre

CC BY



Fonte: CATRACA LIVRE. **Aprovada no Senado, nova Lei de Migração garante mais direitos.** 19 abr. 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/aprovada-no-senado-nova-lei-de-migracao-garante-mais-direitos/>. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

A SD08 corresponde ao título e imagens veiculadas em uma matéria publicada no site Catraca Livre após a nova Lei de Migração ter sua aprovação no Senado. O *post* divulga esclarecimentos sobre as mudanças que a Lei de Migração traria, dando publicidade a uma nota pública de apoio à sanção presidencial desta versão da lei, que foi discutida por várias entidades de ajuda humanitária. Já no título da SD08 o site aponta que a lei *garante mais direitos*, cujo sentido de acolhimento soma-se à imagem que representa as nacionalidades de refugiados no Brasil.

Título e imagem produzem também um efeito de romantização, tendo em vista a representação idealizada sobre a integração harmoniosa da diversidade de refugiados no Brasil. Essa narratividade tem seus vestígios na imagem dos refugiados da SD08, em que eles aparecem portando bandeiras de várias cores e com semblante de felicidade, o que identifica as muitas nacionalidades aqui presentes. Assim, a posição-sujeito do Catraca Livre adota uma narratividade favorável à entrada de refugiados no Brasil, tomado este como país promotor de igualdade, justiça e democracia.

Entretanto, na representação imagética dos refugiados na SD08, a etnia negra é silenciada enquanto a árabe tem pelo menos duas representações, identificadas pelas vestimentas femininas típicas. A imagem, assim, ressalta a presença árabe no Brasil. É possível que essa representação esteja em relevância porque este é o público mais afetado quando se pensa em terrorismo e o portal Catraca Livre identifica-se com uma posição-sujeito que quer desconstruir a imagem do refugiado como terrorista.

CC BY

SD09: Foto no mesmo post da SD08 no site do Catraca Livre



Créditos: Tânia Rêgo / Agência Brasil)
Refugiados do Congo e de outras nacionalidades que vivem no Rio se unem na torcida pela equipe de judocas de refugiados, na sede da Cáritas

Fonte: CATRACA LIVRE. **Aprovada no Senado, nova Lei de Migração garante mais direitos.** 19 abr. 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/aprovada-no-senado-nova-lei-de-migracao-garante-mais-direitos/>. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

Em contrapartida, na SD09 da mesma postagem *da SD08,* o Catraca mostra a presença específica de congoleses no Rio de Janeiro, e esta narratividade dá voz ao segmento negro nas representações de solicitações de refúgio, mostrando que o portal opta por destacar esse grupo étnico-racial. A posição-sujeito do site vincula-se ao discurso que foca nas minorias, e por isso é dado realce à presença negra separadamente.

Na SD09 também podemos constatar um efeito de reforço da integração dos refugiados negros, através da legenda abaixo da imagem, que destaca uma equipe de judocas *refugiados*, especificando um lugar de representação deste sujeito refugiado também nas Olimpíadas que ocorreriam no Brasil, na qual congoleses e outras nacionalidades estariam torcendo *unidos*. O portal articula, pois, uma representação de felicidade, otimismo e esperança, constatado através do sorriso da refugiada na SD09, projetando sentidos que apontam para as possibilidades de refugiados melhorarem suas condições de vida no Brasil.

6 Considerações Finais

O que se pode concluir, de modo geral, sobre a relação mídia e narratividades, é que há no Brasil diversidade e antagonismo das posições e efeitos de sentido produzidos pelos veículos de mídias sobre os refugiados.

Percebemos que a narratividade dos veículos na posição-sujeito dominante da FD da mídia tradicional, como G1 e Estadão, condicionam seus leitores a vincular o recebimento de refugiados no Brasil, na atual crise migratória, como algo negativo para o país por razões econômicas e de prevenção contra extremismos religiosos. O sujeito refugiado é representado pela imagem do empreendedor, o que aciona uma narratividade apenas voltada à economia e representa o refugiado como concorrente dos sujeitos nacionais no mercado de trabalho. Também ecoa, no discurso da mídia tradicional, a memória discursiva do terrorismo, à qual o refugiado é associado de modo evidente. A Lei

CC BY

de Migração é tratada com reservas, como acontecimento "polêmico", sem a presença de um discurso que evoque saberes em defesa dos direitos humanos.

Já a posição-sujeito dominante na FD da mídia alternativa, como a dos portais Carta Capital e Catraca Livre, problematiza questões silenciadas na mídia tradicional, a exemplo da xenofobia, embora também apague contradições sociais ao idealizar e romantizar a integração do refugiados. Há uma representação dos refugiados distanciada da imagem invasora/terrorista e de vulnerabilidade, optando-se por um viés que mostra e generosidade dos refugiados, sua plena integração e sua esperança no futuro. Os portais referidos também apoiam a nova Lei de Migração e a problematizaram de forma mais esclarecedora, pela perspectiva dos direitos humanos.

As narratividades midiáticas influenciam, portanto, na imagem positiva ou negativa que os leitores e sujeitos nacionais poderão formar acerca dos sujeitos refugiados, o que facilitará ou dificultará a (re)construção dos lugares de subjetivação e socialização dos refugiados, bem como a construção ou não de laços de solidariedade e cooperação mútua no cenário atual de crise migratória. Daí a importância de investigar o discurso midiático sobre os refugiados e as narratividades que mobiliza ao falar sobre eles.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR. D. M. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro.** São Paulo: Cortez, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BOBBIO, Noberto. **Direita e esquerda**. Razões e significados de uma distinção política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 2ª reimpressão, 1995.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Seguido de A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

INDURSKY, Freda. Da produção à criação da obra de arte como gesto político. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S.; (org). **Análise do discurso: dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux)**, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

_____. **Discurso e Texto. Formulação e Circulação dos Sentidos.** Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005b.

_____. **Eu, tu, ele: discurso e real da história.**2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores. 2017.

PAYER, Maria Onice. Imigração à deriva e efeitos de extraposição discursiva. In:FLORES, G. G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L.; (org). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**/ Michel Pêcheux; Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] -- 2.ed. -- Campinas, SP: Editora da. UNICAMP, 1995.

Recebido em 10 de setembro de 2018

Aceito em 20 de dezembro de 2018